

REVISTA

Nº 74 - JANEIRO/JUNHO 2025



Análise cromática das marmoratas

ENTREVISTA

Oswaldo Franchini



Cattleya walkeriana suave marmorata "Frenesi"
(suave flâmnea "Dona Terezinha" X suave marmorata "Elizabeth")

CAUSOS

As joias suaves do Indaiá

ORQUIDÓFILO

Alair Diniz Raia

Mensagem do Presidente

Prezados amigos e associados da ACW,
Chegamos em 2025 apresentando algumas novidades, resultado de muito trabalho de toda a diretoria e de amigos colaboradores também apaixonados pela *Cattleya walkeriana*.

A finalização da primeira versão do nosso tão esperado site coloca a ACW na era digital e, sobretudo, mais próxima de todos através do endereço www.acwbrasil.com.br.

Outra importante inovação foi a sistematização da nossa planilha de julgamento, conforme matéria apresentada nesta edição, reduzindo o tempo dos julgamentos e, sobretudo, deixando-os ainda mais imparciais e precisos.

Iniciamos também uma série de entrevistas ao vivo e que, posteriormente, permanecem gravadas no nosso canal no Instagram no @acw.walkeriana.

Vale lembrar que a ACW precisa de todos, desta forma contamos com a participação e o engajamento dos amigos e dos associados para uma ACW cada dia mais forte!

Um grande abraço a todos!
Fernando Terra Manzan – Presidente ACW

Exposições

MARÇO

7, 8 e 9 Batatais (SP)
14, 15 e 16 Pirajuí (SP)

ABRIL

4, 5 e 6 Catanduva (SP)
4, 5 e 6 Formiga (MG)
4, 5 e 6 Presidente Venceslau (SP)
18, 19 e 20 São Carlos (SP)

MAIO

2, 3 e 4 Itumirim (MG)
16, 17 e 18 Itaúna (MG)
23, 24 e 25 Piracanjuba (GO)
30, 31 e 1º de junho 11º Conferência da *Cattleya nobilior* e da *Cattleya walkeriana* - Uberaba (MG)
30, 31 e 1º de junho Niterói (RJ)

JUNHO

6, 7 e 8 Vespasiano (MG)
6, 7 e 8 Ribeirão Preto (SP)
27, 28 e 29 Rio Claro (SP)

JULHO

4, 5 e 6 Assis (SP)
11, 12 e 13 Penápolis (SP)
18, 19 e 20 Guaxupé (MG)
25, 26 e 27 Barroso (MG)

COLABORADORES

Alberto Leonardo Rodrigues, Alessandro Ruz Freire, André L. Cavasini, Carlos Luiz, Cátia Botelho Barros, David Alves da Costa, Fernando Terra Manzan, Gustavo Sessa Fialho, Henrique Conrado Neto, Jurn J. Maertens, Luciano A. Teixeira da Cruz, Mauro Magno Viana, Rogério F. Occhi, Saulo R. de Oliveira Freitas, Valdair Almeida, Vanderlei L. Júnior, Wendy Scossi Würch e Wilson Rafael Júnior.

TIRAGEM

500 exemplares distribuídos gratuitamente entre os associados da Associação da *Cattleya walkeriana*.

NOTA

Os artigos e fotos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

ACW Entrevista

Aos 94 anos esbanjando jovialidade, Oswaldo Franchini ainda se mostra um grande apaixonado pelas orquídeas, especialmente pela *Cattleya labiata* e pela *Cattleya walkeriana*.

ACW - Como foi o seu primeiro contato com as orquídeas?

Oswaldo - Visitando uma exposição de orquídeas no Uberaba Tênis Clube, entre os anos de 1972 ou de 1973, estava próximo ao Mário Arruda Mendes, que era um dos organizadores do evento e me pediu para ajudá-lo segurando o troféu que ele havia recebido como premiação com a *Cattleya walkeriana* caerulea Patrícia. Logo o entreguei para ele e dali começamos a conversar, assim iniciamos uma boa amizade e a partir dali me apaixonei pelas orquídeas.

ACW - Quando surgiu o interesse pela *Cattleya walkeriana*?

Oswaldo - Foi concomitante com este primeiro contato durante essa exposição que conheci o Mário Arruda. Além de ser uma espécie da região, a *Cattleya walkeriana* era muito cultivada naquela época, além de possuir flores vistosas e relativamente grandes em relação ao porte vegetativo e da grande diversidade de formas e de variedades cromáticas. Se você prestar atenção as walkerianas são muito diferentes umas das outras.

ACW - O senhor lembra qual foi a primeira *Cattleya walkeriana* da coleção?

Oswaldo - Lembro. Foi o Mário Arruda que me deu, mas era uma walkeriana qualquer, não tinha nome, não tinha boa forma e ele me explicou que estava me dando exatamente para que eu pudesse aprender a cultivar com aquela planta. Essa foi a primeira! Destas plantas mais conhecidas a primeira foi a caerulea Patrícia, inclusive eu adquiri um corte diretamente do Loboda, pois a planta já estava com ele em Jundiaí (SP), já não estava mais com o Mário, ele havia trocado na tipo Feiticeira e só mais tarde recebeu uma divisão de volta.

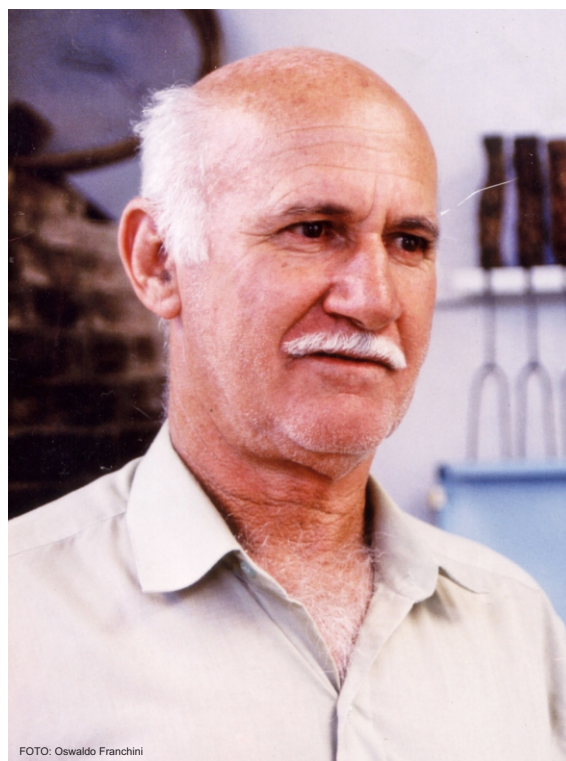


FOTO: Oswaldo Franchini

Oswaldo Franchini

ACW - O senhor descobriu muitas plantas, qual foi a que mais lhe marcou?

Oswaldo - Foi a suave Marcela. Achei esta planta na região de Tobati, logo depois de Araxá, distrito do município de Ibiá (MG), onde tinha uma pequena estação de trem e à esquerda tinha uma árvore com muitas walkerianas. Nesta época coletei algumas e depois abriu a Marcela.

Teve também a tipo Belinha, descobri nas margens do Rio Uberaba, em uma matinha acima daquela ponte na univérdecidade, estávamos eu e o João Lucas, entre os anos de 1976 ou de 1977.



FOTO: Fernando Terra Marziani

Cattleya walkeriana suave Marcela

ACW - O senhor realizou algum cruzamento?

Oswaldo - Fiz sim, a Chácara Bela Vista ganhou muitas sementes minhas, fiz muitas sementeiras e mandava tudo para eles, após alguns anos pegava algumas plantas para ver floração.

ACW - Sabemos que o senhor também gosta muito da *Cattleya nobilior*, inclusive conheceu diversos habitat desta espécie. Poderia nos contar sobre a famosa viagem de quando descobriram a famosa *amaliae* Perfection?

Oswaldo - Durante a ida para um habitat da *Cattleya nobilior amaliae* eu dirigi a Kombi do Evaldo até certo ponto, quando cansei pedi para ele dirigir um pouco, fui para o banco traseiro da Kombi, encostei e dormi.

Em determinado momento acordei com a pancada do caminhão, carregado com aqueles esteios de aroeira, que vieram para cima da Kombi e um deles atravessou o vidro dianteiro e passou ao lado da minha cabeça, um tantinho para eu não morrer.

Fiquei desesperado, achei que tinha acertado o Wenzel, pois ele estava no volante. Abri a porta, desci correndo e ele estava imóvel no banco do condutor. Falei para ele mexer as pernas, e nada, aos poucos ele se mexeu, falei para mexer os braços, ele mexeu e assim fiquei mais tranquilo. Ele estava branquinho!

Estávamos em dois carros e o Ademar Amorim, que estava dirigindo o outro carro, passou pelo local e voltou para nos ajudar. Após ver que estavam todos bem, voltamos em um posto e fiquei tomando conta da Kombi até certa hora, no dia seguinte seguimos viagem para o habitat.

ACW - O senhor ainda coleciona?

Oswaldo - Não. Mas gostar eu gosto, isso você não perde nunca.

Se não tivesse acabado a exposição de Uberaba talvez eu tivesse continuado, mas acabou lá e eu perdi o interesse.

ACW - O senhor era muito ativo dentro da associação de Uberaba e mesmo fora. Conte-nos algumas passagens.

Oswaldo - Era muito movimentado, eu fazia todas as exposições, porque eu era aposentado, então fazia todas. De Ponta

Grossa, no Paraná, para cá, eu fiz todas. Eu inaugurei muitas exposições como Marília, Altinópolis, Araxá, Sacramento, Franca, Catanduva e muitas outras, inclusive Ribeirão Preto (SP).

Eu dei a minha contribuição!



Oswaldo Franchini e Fernando Terra Manzan

ACW - O senhor sempre foi muito técnico, respeitado pelo conhecimento e inclusive, durante muitos anos, foi juiz e coordenador na CAOB. Como é olhar para trás e ver todo esse legado deixado?

Oswaldo - Não sei nem se ainda tem a CAOB, mas certamente se não existisse a orquidofilia já teria acabado.

O cabeça disso tudo foi o Martinelli, foi ele que organizou tudo, fundou a CAOB e levou por muito tempo enquanto viveu, e ele ficou até velho no meio, já estava com os seus 90 anos e ainda estava funcionando.

Muitas vezes eu amanheci fazendo as planilhas, terminava as exposições e eu pegava firme até pela manhã.

ACW - Poderia nos falar um pouco sobre a orquidofilia de algumas décadas atrás?

Oswaldo - Aquela época era um espetáculo, para mim é uma das melhores sociedades que existia para o homem frequentar.

Éramos todos irmãos, uma convivência muito boa, não tinha discussão, era uma beleza!

ACW - Deixe um conselho para os nossos leitores.

Oswaldo - É muito difícil aconselhar, mas a pessoa primeiro tem que gostar, pois se ele não gostar muito não adianta nem começar.

Gostando ele vai começar a cultivar, escolhendo um local certo, pois não adianta colocar em qualquer lugar.

Procurar um meio de conviver com o pessoal que entende da coisa e faz a coisa e as associações são o local certo para adquirir experiência.

Visite o nosso site

www.acwbrasil.com.br



Análise cromática das marmoratas

Por: Saulo Rogério de Oliveira Freitas

No capítulo das plantas cujas flores os segmentos florais encontram-se pigmentados de forma não uniforme, independente da variedade cromática de base, excluindo-se nesse grupo as trilabelos e labeloides, descreve-se as flameas, venosas e marmoratas.

Elas não constituem variedade por si, as entendemos como, dentro da variedade de base, uma alteração na forma de distribuição do colorido. Simples assim.

Poderiam ocorrer sobre todas as variedades de base, exceto numa alba, situação em que por definição todos os segmentos florais são uniformemente brancos.

Essa alteração, no que chamamos de marmorata ou, como citado recentemente, “brennandianas”, gera um efeito que lembra o mármore, com faixas de cores entremeadas, distintas da cor de fundo da flor, criando uma distribuição heterogênea do pigmento. Dessa forma, esse padrão “marmorata” poderia, provavelmente, acontecer sobre toda variedade cromática.

Essas plantas, de modo geral, pelo que temos observado ao longo dos anos, possuem florações instáveis. Numa mesma floração, em mesma haste, podem ser diferentes, sem existir um padrão reprodutível de apresentação da coloração. De floração para floração variam muito, podem aparecer com maior intensidade ou não, algumas vezes tal cromatismo pode até não ocorrer plenamente. Numa mesma haste podem surgir flores distintas. Ao que parece, algumas dessas plantas parecem ser inférteis, dificultando a propagação da

coloração.

Características ambientais (luminosidade, temperatura, nutrição, etc) que sempre influenciam a floração das walkerianas, parecem ter impacto ainda maior no cromatismo dessas plantas, fato que contribui muito no “misticismo” que cerca essa coloração.

Podemos dizer que, ainda hoje, essa forma de distribuição de cor é rara. Contudo, ocorre que, ano após ano, sempre surgem novas flores apresentadas sem que elas reapareçam depois. Simplesmente “somem do mapa” da orquidofilia. Embora essa característica seja determinada geneticamente e esse campo ainda é de raso conhecimento pra maioria de nós, essas flores de “trajetória meteórica”, “altamente instagramáveis” e rapidamente difundidas pelas mídias sociais, podem se tratar de plantas sob efeito de viroses, ocasionando o aspecto “color break” ou decorrem de florações em contexto de algum distúrbio nutricional ou ainda fruto do desabrochar de botões danificados por causas diversas, gerando a heterocromia.

Merece menção dentre essas plantas de padrão outrora descrito como “marmorata” mas que são, na verdade, viróticas, inclusive com o diagnóstico firmado pelo Instituto Biológico de São Paulo, duas plantas nativas coletadas em 2001 pelo Fernando Terra, uma delas com nome de “Fernanda Terra” TE e outra chamada “Nanai” TE. Estas, além do aspecto cromático alterado, mostraram anomalias morfológicas em progressivas florações.



Cattleya walkeriana tipo (marmorata) "Fernanda Terra" TE

Outra nativa conhecida por esse padrão de coloração e que também pode se tratar de virose, diagnóstico ainda não

confirmado, tendo em vista a alteração morfológica nos segmentos florais, é a suave "Boa Esperança".



Cattleya walkeriana suave (marmorata) "Boa Esperança"

Embora já tenham surgido em diversos cruzamentos, vale destacar exemplares derivados do cruzamento feito pelo Nilton Gonçalves entre a "Dona Terezinha", uma suave que é flamea, com uma suave que é marmorata chamada "Elizabeth", uma matriz ainda muito rara, proveniente da coleção do senhor Wagner Marques, o Quito.



Cattleya walkeriana suave marmorata "Elizabeth"

Esses dois itaunenses são figuras da história da orquidofilia e sobretudo da *Cattleya walkeriana*, com muitas histórias de plantas a eles atreladas. São diversos clones de muito boa qualidade conhecidos para essa linhagem, com destaque para a suave marmorata "Generosa" e a suave marmorata "Milton Ribeiro".



Cattleya walkeriana suave marmorata "Generosa"

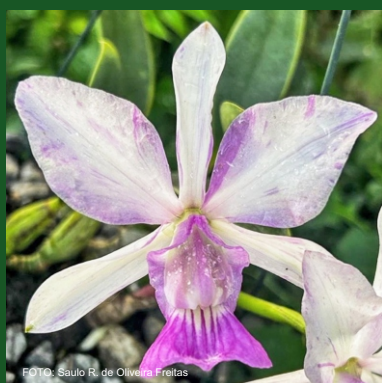


Cattleya walkeriana suave marmorata "Milton Ribeiro"

Mais recentemente apareceram suaves marmoratas de um cruzamento que fiz entre a suavíssima “Doro”, planta nativa, também com a suave marmorata “Elizabeth”, mostrando que essa característica, mais que decorrente de uma mutação, parece ser passível de transmissão.



Cattleya walkeriana suavíssima “Doro”



Cattleya walkeriana suave marmorata



Cattleya walkeriana suave marmorata

Conhecemos outros exemplares como uma, que é a mais difundida dentre todas na variedade suave e de nome clonal “João Victor”, resultante do cruzamento entre a *Cattleya walkeriana* caerulea “Cajuru” e a *Cattleya walkeriana* suave “Daniel Dias”, planta histórica, coletada pelo Quinquim de Itaguara e trazida à orquidofilia pelo Nilton Gonçalves, cujo nome homenageia seu filho.



Cattleya walkeriana suave marmorata “João Victor”



Também merece destaque a *Cattleya walkeriana* suave marmorata "Frisson" TE.



Resultado do cruzamento de plantas típicas e nativas, a *Cattleya walkeriana* tipo "Tuta" com a *Cattleya walkeriana* tipo "Rio do Peixe", feito pelo Fernando Terra, de Uberaba (MG).



Há, ainda, uma vinicolor com essa fantástica apresentação de coloração que é a *Cattleya walkeriana* vinicolor marmorata "Grego", oriundo da coleção do orquidófilo Ed Jean, conhecido como

"Grego", resultado do cruzamento de duas plantas irmãs, ambas de um cruzamento feito pelo orquidófilo Marco Antônio Gallo, entre uma planta da clássica linhagem de vinicolores do cruzamento A21 com a nativa "Zé Luiz".



Ainda nas vinicolores como coloração base, encontramos mais uma linda planta chamada *Cattleya walkeriana* vinicolor "Santo Sudário", resultado do cruzamento realizado pelo orquidófilo Elias Donato Neto, entre a vinicolor "Gran Reserva" DTO com a vinicolor "Elias Donato" DTO.



Certamente existem algumas outras por aí e tantas ainda estão por vir. O objetivo desse breve texto não é de relatar todas, mas ilustrar um pouco dessa rara e cobiçada variedade, contribuindo para o estudo e a história dessa espécie que tanto amamos.

As walkerianas do Alair

Por: David Alves da Costa

Em agosto de 2001, paralelamente a um simpósio de Odontologia, foi realizado na Academia de Comércio em Juiz de Fora (MG), a exposição de orquídeas da cidade.

Isa, minha esposa, dentista e orquidófila, ficou impressionada com as *Cattleyas walkerianas*, especialmente as caeruleas, de um orquidófilo da cidade de Ubá (MG), chamado Alair Diniz Raia.

Naquela época, íamos regularmente à cidade de Piraúba (MG), cidade muito próxima de Ubá, visitar a minha sogra.

Em abril de 2002, após contato telefônico prévio, eu disse que gostaria de conhecer o seu orquidário. O orquidário do Alair estava localizado numa chácara situada na estrada que liga Piraúba a Ubá, próxima ao aeroporto da cidade. A chácara possuía várias estufas e telados de sombrite ao redor de um grande lago. Havia pelo menos duas estufas somente com *walkerianas*. Ele tinha acabado de construir um grande telado somente para as *Cattleyas nobilior* que estavam dependuradas no alto, acima de nossas cabeças. Havia também muitas orquídeas amarradas nas árvores e palmeiras.

O número de orquídeas que ele tinha era impressionante. Ele tinha muitos híbridos raros e inúmeras espécies de qualidade e de valor. Entretanto, o que mais me impressionou foram as suas *walkerianas*. Naquela época eu tinha muita dificuldade em cultivar a *walkeriana* no xaxim desfibrado dentro de um vaso de barro, em um clima úmido do leste de Minas Gerais, quase na divisa com o Espírito Santo, portanto, longe do seu habitat natural.

Ver o vigor e a praticidade do cultivo da *Cattleya walkeriana* na casca de peroba dependurada por arame me impactou profundamente. Algumas estavam floridas e havia um perfume inigualável no ar daquela manhã ensolarada. Naquele momento, decidi trocar todas as orquídeas do meu orquidário pelas *walkerianas*. Além das dicas de cultivo, ele me passou o telefone de um vendedor de casca de peroba do Paraná e ainda me deu de presente cinco cortes de *walkeriana*, sendo a alba do Amorim, a suavíssima “Meire”, a caerulea “Ricson” e duas sem identificação, uma semi-alba e uma tipo. Na ocasião, ele me convidou para conhecer a Exposição Nacional da *Cattleya walkeriana* em Belo Horizonte, no mês seguinte.

Dias depois recebi no consultório um telefonema do Alair dizendo que precisava conversar comigo. A noite, telefonei para ele e me disse que seu filho, que também era médico, havia recebido um convite para ser sócio na montagem de um CTI na cidade de Divinópolis (MG). Ele queria informações sobre o empreendimento e soube que um dos sócios morava em Manhuaçu. Conversamos longamente, inicialmente sobre medicina e depois sobre *walkerianas*.

Em maio de 2002, durante a Exposição Nacional da *Cattleya walkeriana*, que aconteceu no Palácio das Artes, em Belo Horizonte (MG), o Alair me apresentou o presidente da ACW, Joaquim Barreto, o Leonardo Rodrigues e o Paulinho. Ele também me apresentou ao Sávio Caliman, de Venda Nova do Imigrante (ES), que me orientou e ajudou a comprar seedlings de

walkeriana que estavam a venda nos stands da Biorchids, do Orquidário Sereno, Orquidário Primavera (Darlan) e do Orquidário Papim.

Inesquecível foi ter presenciado uma longa conversa entre o Alair e o Oswaldo Franchini sobre a origem das *walkerianas* caeruleas existentes.



Oswaldo, Joaquim, Alair e Mário Arruda.

Em junho de 2002, a convite do Alair, voltei a Ubá. Ganhei mais alguns cortes de *walkeriana* como da tipo “Luís Castro”, da tipo “Fett”, uma semi-alba Equilab (S78), alba “Orchidglade”, alba “Nomura”, alba 4N, tipo “Hirata”, uma tipo sem nome (que dei o nome de Ubá) e duas plantas de cruzamentos (alba “Pedentive” x alba “Nice One” e alba “Estrela Dalva” x caerulea 540).

Andando dentro do seu orquidário encontramos no chão um pedaço de uma *Cattleya walkeriana* sem identificação, que ele me deu a planta sem pestanejar e eu batizei como Caída no Chão. Na ocasião, ele me convidou para filiar à ACW.

Em março de 2003 fui a Piraúba ver a minha sogra e ele me convidou para ir até a sua casa, na cidade de Ubá (MG), ver um lote de seedlings que ele havia recebido. Esses seedlings eram resultantes de cruzamentos feitos por ele e enviados para o professor Roberto Novais, de Viçosa (MG), fazer a semeadura. Ganhei três seedlings de presente, uma alba “Estrela Dalva” x tipo, uma semi-alba “Puanani” x

suave “Nadialina” e suave “Nem Sempre” x vinicolor “Marden” CVS(N). Na ocasião conheci a sua esposa, Dona Derci. Ele me passou o número do telefone e a recomendação para que eu procurasse o professor Roberto Novais, professor de agronomia da Universidade Federal de Viçosa, que havia desenvolvido uma técnica simplificada de semeadura caseira de orquídeas.

Em maio de 2003, durante a Exposição Nacional da *Cattleya walkeriana* em Belo Horizonte, ele trouxe um corte da alba “Equilab” para mim. Ele estava muito feliz, pois a sua melhor Feiticeira havia ganhado o primeiro prêmio da exposição.

Ao voltar da exposição de Belo Horizonte, ele sofreu um acidente automobilístico. Em junho de 2003 fui visitá-lo na sua casa em Ubá, onde estava convalescendo e soube que há alguns anos, também voltando da exposição de orquídeas de Belo Horizonte, havia tido outro acidente, inclusive com o falecimento do seu motorista. Combinamos que assim que melhorasse, ele viria a Manhauçu para uma visita e em seguida iríamos até a cidade de Venda Nova do Imigrante (Orquidário Caliman) e Aracê (Orquidário AWZ) do Wladyslaw, no Espírito Santo.

No final de agosto de 2003, depois do Congresso Mineiro de Pneumologia em Belo Horizonte, fui até Mateus Leme (MG) conhecer o orquidário Sereno. Para minha surpresa e tristeza, o Júnior me disse que o Alair havia morrido na semana anterior.

Visitei o Alair quatro vezes em Ubá (duas vezes na sua casa e duas na chácara). Estive com ele nas exposições da ACW em 2002 e em 2003 em Belo Horizonte e conversamos várias vezes pelo telefone.

Embora o nosso tempo de convívio não tenha sido longo, ele foi fundamental para a minha caminhada na orquidofilia. Em 2002 ele mudou radicalmente a minha visão sobre o cultivo de orquídeas e me fez tornar um colecionador exclusivo da *Cattleya walkeriana*. Além das muitas orientações sobre o cultivo da espécie, me levou para a ACW e me mostrou a beleza e a grandiosidade das Exposições Nacionais da *Cattleya walkeriana* de Belo Horizonte. Foi ele que me apresentou a vários orquidófilos que tornariam meus amigos nos anos seguintes.

O interessante é que ele continuou a me ajudar até mesmo após o seu falecimento, pois foi através da sua Fett, planta tipo que gostava muito, que acabei me aproximando do Álvaro Pereira, de Campo Grande (MS).

Em fevereiro de 2004, ao passar por Venda Nova do Imigrante vindo da praia, fiquei sabendo, através do Caliman, que o Álvaro Pereira, proprietário do Orquidário Gnomos, de Campo Grande (MS), havia comprado toda a coleção de orquídeas do Alair. Em julho de 2004, telefonei para ele e perguntei se ele tinha disponibilidade de um corte da *walkeriana* tipo "Fett" do Alair para me vender, pois a rabeira que eu tinha ganhado dele não havia brotado. O Álvaro anotou o meu telefone e disse que o primeiro corte da planta seria meu.



Cattleya walkeriana tipo "Fett"

Para a minha surpresa, em setembro de 2005, recebi um telefonema do Álvaro pedindo o meu endereço para enviar a Fett. Ele me mandou o corte da Fett de presente com a etiqueta de identificação feita pelo próprio Alair. A partir da Fett do Alair tive a oportunidade de adquirir mais 80 cortes de *walkerianas* da coleção do Alair, dezenas de cortes de *walkerianas* da coleção pessoal do Álvaro e centenas de seedlings de *walkerianas*.



Cattleya walkeriana tipo "Luís Castro"

O saudoso Alair Diniz Raia era uma pessoa muito diferenciada. Sempre educado, muito solícito e extremamente generoso. Sou muito grato a ele.



Cattleya walkeriana suavíssima "Meire"

Ele era um apaixonado pela *Cattleya walkeriana*, um profundo conhecedor da espécie e a sua partida precoce foi uma perda enorme para todos os apreciadores desta espécie.



(11) 9 1653-2886

contato@actabotanica.com.br

www.actabotanica.com.br

acta_botanica

Orchid Garden

Especialistas em Cattleyas do Cerrado
C. walkeriana, nobilior e Mesquitae

Henrique Conrado (62) 99252-4234
Heloisa Conrado (62) 98542-2410

MUNDO NPK

Tudo para suas orquídeas!

(17) 9 8167-7990

@mundo.npk



ANUNCIE

AQUI!

A sua empresa merece destaque



Preencha o formulário eletrônico na
bio do nosso perfil no Instagram
@acw.walkeriana e faça parte da
Associação da Cattleya walkeriana.

contato@acwbrasil.com.br

ACW Digital

Tradição, ciência e inovação na história da orquidofilia brasileira

Por: Gustavo Sessa Fialho e Alberto Leonardo Rodrigues

Fundada em 31 de agosto de 1949, a Sociedade Orquidófila de Belo Horizonte (SOBH) consolidou-se como um dos pilares da orquidofilia nacional. Foi na capital mineira que floresceu o pioneirismo de um grupo de entusiastas dedicados à promoção das primeiras exposições nacionais, que, até o início da década de 1980, tinham como foco principal a *Cattleya warnerii*.

Naquele período, uma nova espécie começou a despertar o interesse dos colecionadores: uma orquídea do cerrado, de porte médio, flores de médias a grandes e perfume inconfundível, a *Cattleya walkeriana*. A sua beleza e singularidade alteraram o rumo da orquidofilia brasileira. Em maio de 1995, por sugestão do saudoso José Guimarães Abrantes, a SOBH realizou a primeira Exposição Nacional da *Cattleya walkeriana*, evento que se repetiria anualmente até 1999, consolidando a notoriedade da espécie.

Com o sucesso dessas mostras, Abrantes propôs a criação de uma entidade dedicada exclusivamente à espécie símbolo do cerrado brasileiro. Assim, uma equipe de orquidófilos reuniu-se e, após intenso trabalho técnico e organizacional, fundou em setembro de 1999 a Associação da *Cattleya walkeriana* (ACW), com estatuto próprio e diretrizes voltadas à valorização, conservação e difusão científica da espécie.

A partir de então, a Exposição Nacional da *Cattleya walkeriana* continuou sendo promovida pela SOBH, mas passou à coordenação da ACW. De igual forma,

a Associação Mineira de Orquídeas (AMO) passou a convidar a ACW para participar de suas exposições, delegando a ela o julgamento da *Cattleya walkeriana*, marcando uma nova fase de especialização e rigor técnico. Até aquele momento, as avaliações seguiam um modelo consensual, no qual um grupo de orquidófilos, reconhecidos pelo notório saber, atribuía notas de 0 a 10.

Com o aumento do interesse e do número de exemplares expostos, tornou-se necessária a adoção de critérios mais objetivos e mensuráveis. Inicialmente, utilizou-se a planilha de julgamento da American Orchid Society (AOS), mas logo se percebeu a importância de um instrumento específico que valorizasse os atributos fenotípicos particulares da *Cattleya walkeriana*.

Essa pauta foi amplamente debatida durante a 35ª Assembleia Geral da ACW, realizada em 13 de fevereiro de 2002, quando foi instituída uma comissão de orquidólogos encarregada de desenvolver uma planilha de julgamento própria. O grupo foi composto por nomes de destaque: Alberto Leonardo Rodrigues, André Luís Cavasini, César A. S. Wenzel, Euro Magalhães, Fernando Terra Manzan, Jurn Jewe Hermann Maertens, Pedro Duarte Moreira, entre outros.

A planilha, em vigor até hoje, pode ser consultada no site oficial da associação (www.acwbrasil.com.br) e tornou-se referência técnica nacional para a avaliação da espécie.

Apesar dos avanços, os julgamentos permaneciam longos e exaustivos, muitas vezes realizados sem a presença de público, que comparecia apenas no momento da premiação. Diante desse cenário, emergiu a

proposta de modernização do processo, reafirmando o caráter inovador da ACW.

Sob a gestão 2025–2026, a ACW deu um passo decisivo rumo à era digital ao implantar um sistema informatizado de julgamento que alia tradição, tecnologia e precisão científica. O novo modelo visa reduzir o tempo das avaliações, ampliar a transparência e tornar o processo mais dinâmico e acessível.

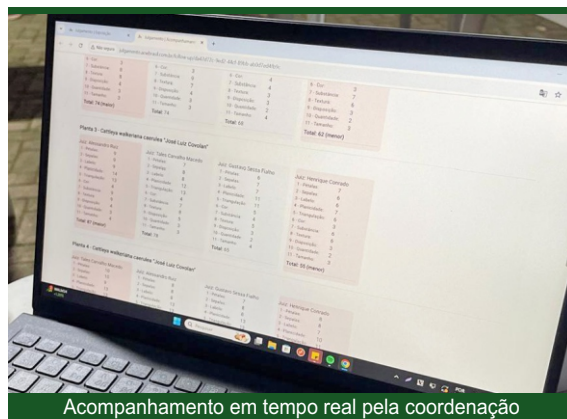
Cada exposição é previamente cadastrada em uma plataforma digital, com categorias e critérios técnicos definidos conforme a planilha oficial da ACW. Durante o evento, cinco árbitros avaliam as plantas em tempo real, utilizando tablets integrados a um sistema central monitorado por um coordenador que acompanha todas as etapas por meio de um painel de controle.



Primeiro julgamento digital durante a Conferência em 2025

Ao final de cada categoria, o sistema aplica um método objetivo: a maior e a menor nota de cada planta são descartadas, e as três intermediárias são somadas e divididas por três, resultando na nota final. Esse cálculo automático elimina distorções e assegura imparcialidade e equilíbrio.

A inovação estende-se também à divulgação dos resultados. Assim que todas as plantas de uma categoria são avaliadas, o sistema gera instantaneamente o ranking dos premiados e, ao término da exposição, um relatório geral dos melhores expositores.



Acompanhamento em tempo real pela coordenação

O sistema digital da ACW já foi utilizado com êxito na 11ª Conferência da *Cattleya nobilior* e *Cattleya walkeriana*, realizada em Uberaba (2025) e no VIII Encontro dos Colecionadores das *Cattleyas* do Cerrado, em Goiânia (2025). Em todas as ocasiões, o modelo demonstrou eficiência, confiabilidade e precisão, consolidando-se como referência para futuras exposições.



Julgamento realizado em Goiânia (GO) em 2025

Essa transformação digital vai além da agilidade. Cada etapa do julgamento é registrada eletronicamente, garantindo rastreabilidade, integridade e segurança dos dados. Juízes, coordenadores e expositores contam com um processo transparente e auditável, enquanto o público pode acompanhar, quase em tempo real, a definição dos vencedores.

Mais que uma atualização tecnológica, o julgamento digital da ACW simboliza um marco histórico para a orquidofilia brasileira. A associação, que já havia

inovado com o sistema planilhado e o julgamento em dissenso, reafirma seu papel de pioneira nacional ao unir rigor técnico, inovação e paixão pela espécie.

A *Cattleya walkeriana*, joia botânica e patrimônio da flora brasileira, torna-se agora também um símbolo da modernidade.

A ACW segue fiel à sua missão: preservar, estudar e divulgar essa espécie que há décadas inspira gerações de cultivadores e pesquisadores. Entre tradição e tecnologia, a associação mantém viva a essência da orquidofilia e a beleza inigualável da Rainha do Cerrado.

Você também pode colaborar com a Revista ACW enviando matérias, histórias de achados, fotos de plantas premiadas nas exposições ou mesmo com a sua sugestão através do e-mail contato@acwbrasil.com.br



Orquidário do Bíblia
@gsf_orchids

Gustavo Bíblia cultiva orquídeas há 29 anos, com foco nos últimos sete na *Cattleya walkeriana*. Seu trabalho é a seleção de genótipos superiores e cruzamentos planejados com base nos métodos clássicos de melhoramento genético. Cada planta expressa o compromisso com a ciência, a qualidade e a pureza genética.



**Gustavo Sessa Fialho
(Bíblia)**

Eng. Agrônomo - UFES
Doutor - UFV
Prof. Associado - UFPEL

 @gsf_orchids



RESERVAS DE FRASCOS

 gsfialho@hotmail.com

(53) 9 9909-0659 



Há mais de duas décadas, o Emporium das Orquídeas 262 encanta o Brasil pela sua dedicação ao cultivo e melhoramento genético de orquídeas. Fundado por Heron Gonçalves e Mônica Costa, o empreendimento nasceu do amor pelas flores e consolidou-se como referência nacional em qualidade, inovação e profissionalismo.

Localizado na região serrana do Espírito Santo, o Emporium combina o clima ideal da região com técnica apurada e muita sensibilidade para produzir orquídeas com genética rara e beleza singular. A estrutura moderna, com estufas em Viçosinha e Conceição do Castelo, garante excelência em cada etapa de produção.



Heron e Mônica à frente da equipe Emporium.



As estufas em uma área na região de Viçosinha (ES).

Em outra área, na região de Conceição do Castelo (ES), um conglomerado de estufas da produção da Emporium das Orquídeas 262.



Mais que um orquidário, o Emporium é um centro completo de soluções para orquidófilos, com fabricação própria de substratos, cachepôs e do adubo Himitsu, desenvolvido por Heron e aprovado pelo MAPA.

Reconhecido também pela Exposição Nacional de Orquídeas de Venda Nova do Imigrante, o Emporium une flores, cultura e comunidade, promovendo o turismo e o amor pela natureza.

Com forte presença digital, realiza lives semanais de vendas e mantém intensa interação nas redes sociais. Assim, o Emporium das Orquídeas 262 segue florescendo, unindo tradição, paixão e inovação que inspiram todo o Brasil.

Onde encontrar o Emporium das Orquídeas 262



Emporium das Orquídeas 262



@emporiumdasorquideas



emporium.das.orqu



Rodovia 473, km 4,5
Bairro Viçosinha (zona rural)
Venda Nova do Imigrante (ES)
29.375-000



(28) 9 9925-0415

Causos

Por: Saulo R. de Oliveira Freitas e Carlos Luiz

Todo orquidófilo deveria ter o prazer de arrumar uma planta especial, seja visitando algum habitat, hoje já muito sofridos, seja através de cruzamentos, tanto nos próprios quanto dos adquiridos de terceiros.

Ver uma planta boa, enquanto novidade, exemplar único, é um prazer ímpar!

Se o prazer frente a obtenção de uma planta especial, sobretudo as nativas, é uma dádiva, estando entre amigos, celebrando a amizade, tudo é ainda melhor e mais belo.

E é assim que descrevemos as primeiras três, exemplares da variedade suave, plantas de destaque e que merecem ser difundidas e conhecidas por todos.

Essas, eu as chamo, em conjunto, de “as joias do Indaiá”, em referência à região em que foram descobertas.



Cattleya walkeriana suave “Maroca” no habitat

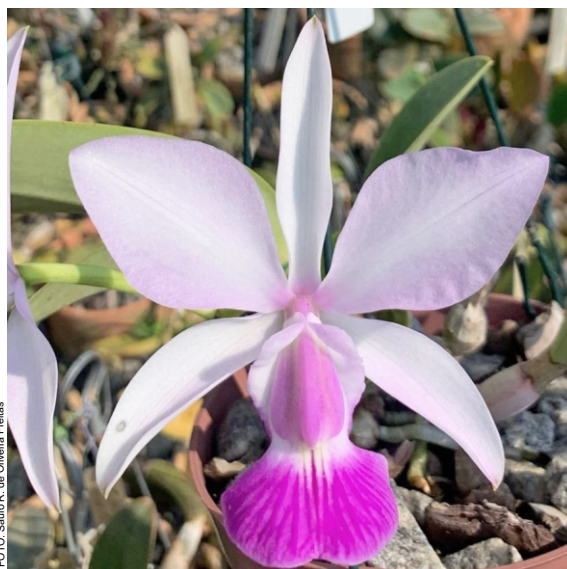
Falar dessas plantas é celebrar a amizade e fazer referência aos amigos Márcio Oliveira, Robson Miranda e

Carlos Luiz, que, quando em um passeio pelo cerrado dessa região, em 2018, descobriram a *Cattleya walkeriana* suave “Maroca”, que tem esse nome em referência às iniciais dos que integram esse trio. Um nome, numa planta, que junta os amigos... fantástico isso!



Cattleya walkeriana suave “Maroca”

Desse habitat, dois anos antes, em 2016, eles já tinham encontrado uma planta, a *Cattleya walkeriana* suave “Pedra Grande”, a que justificou retornar ao habitat.



Cattleya walkeriana suave “Pedra Grande”

Em excursões subsequentes, atrás



FOTO: Carlos Luiz

Robson e a *Cattleya walkeriana* suave "Pedra Grande"

de alguma que pudesse ter ficado pra trás, encontraram ainda uma terceira, a *Cattleya walkeriana* suave "Ana Valentina" que, infelizmente, hoje encontra-se extinta. Descoberta enquanto seedling, acabou sendo devorada por um jabuti quando caiu da prateleira do orquidário... uma pena!

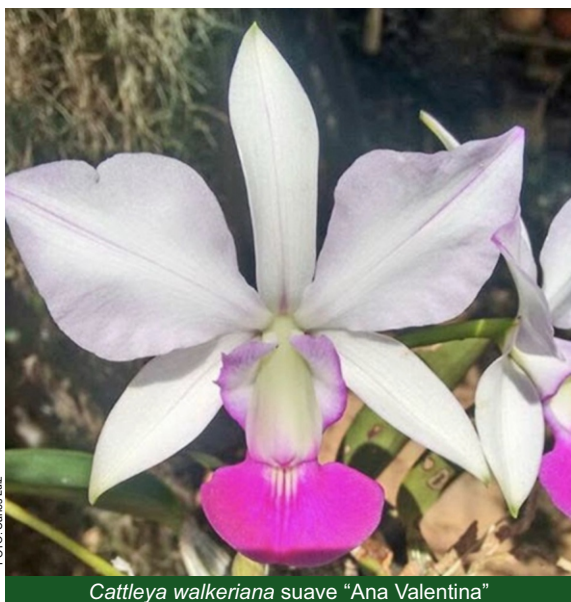


FOTO: Carlos Luiz

Cattleya walkeriana suave "Ana Valentina"

Ainda como expoente desse grande habitat, merece menção especial uma quarta planta, da mesma variedade, a *Cattleya walkeriana* suave "Lúcio Nogueira", descoberta pelo Osmando Pereira, de Itaúna (MG), junto do hoje já falecido Lúcio, seu amigo e companheiro de viagem.

Essa que aqui apresentamos, foi presenteada pelo Osmando ao André Tedesco, na exposição de Itaúna em 2019.

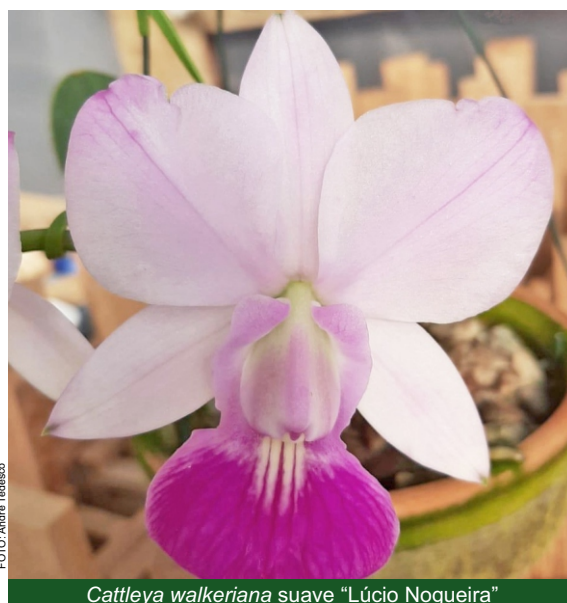
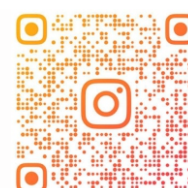


FOTO: André Tedesco

Cattleya walkeriana suave "Lúcio Nogueira"

Talvez seja uma das melhores suaves conhecidas.

Posicione a câmera do celular no QR CODE ao lado e siga o perfil da ACW no Instagram.



www.orquideasterra.com.br

Produzindo | qualidade

Comprovando | resultados

Conquistando | confiança


Orquideas
Terra

Uberaba (MG)
(34) 9 9972-8294 
contato@orquideasterra.com.br



@orquideasterra

Cattleya walkeriana vinicolor "Midas" TE



*Da genética primitiva
à avançada*

35 anos

 ORCHID
BRAZIL

(16) 9 9398-6756 

 @orchidbrazil